

Uma publicação oficial da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, desde 1893.

O ESTANDARTE CRISTÃO

igreja, gêneros e sexualidades

Pastoral

Como aprender a conviver as diferenças de opinião dentro das diversas comunidades de fé

Opinião

Uma caminhada de fé que culminou num abraço

Teologia

Discipulado de Iguais, apesar das diferenças, incluindo todas as pessoas

Vida

Testemunho de vida solidária com todas as pessoas excluídas

+ Diálogo sobre a diversidade na Catedral da Santíssima Trindade em Porto Alegre
(Foto: Letícia Cardoso)



+ Celebração de encerramento
do Simpósio Religião, Cultura e
Sexualidades, na Paróquia do
Bom Pastor, Salvador (BA)
(Foto: Rev. Eduardo Henrique
Ribeiro)

índice

palavra do primaz

04

mensagem da secretaria geral

06

editorial

07

noticiário

08

Breve retrospectiva dos últimos
cinco anos sem Estandarte Cristão

opinião

11

Um salto (e abraço) de fé
Saulo Amorim

pastoral

14

As surpresas da fé
Pra. Romi Márcia Bencke

teologia

16

Discipulado de iguais:
iguais, mas diferentes
Paulo Ueti

vida

21

Relato de diversidade
Mara Manzoni Luz

memória

22

Há (quase) 121 anos...

O ESTANDARTE CRISTÃO

Uma publicação oficial da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, desde 1893.

Número 1821 - Janeiro 2017

Produzido pela:

Secretaria Geral da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
Praça Olavo Bilac, 63 - Santa Cecília - São Paulo - SP
CEP 01201-050 - Telefone: (11) 3667-8161
www.ieab.org.br | estandartecristao@ieab.org.br

Bispo Primaz da IEAB

Revmo. Francisco de Assis da Silva
fassis@ieab.org.br

Secretário Geral da IEAB

Rev. Arthur Pereira Cavalcante
acavalcante@ieab.org.br

Editor

Rev. Luiz Carlos Teixeira Coelho Filho
lcoelho@ieab.org.br

Redação

Vagner Ernani Mendes Junior

Fundadores:

Rev. James Watson Morris
Rev. William Cabell Brown

Ex-Editores:

Rev. Américo Vespúcio Cabral
Rev. William Cabell Brown
Rev. João Mozart de Melo
Rev. João Baptista Barcellos Cunha
Rev. José Severo da Silva
Revmo. Athalicio Theodoro Pithan
Rev. Henrique Todt Jr.
Revmo. Artur Rodolpho Kratz
Rev. Oswaldo Kickhöfel
Revmo. Flávio Augusto Borges Irala
Revmo. Renato da Cruz Raatz
Sr. Cláudio Simões de Oliveira
Rev. Josué Soares Flores

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.



REVMO. FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA
Bispo Primaz da IEAB

palavra do primaz

É com imensa alegria que apresento a vocês, irmãos e irmãs, um instrumento de comunicação de nossa Igreja que estava interrompido desde 2011, e que nos causava um vazio enorme. Está de volta o nosso Estandarte Cristão, agora em nova versão e que atende tanto às pessoas que costumavam tê-lo impresso como àquelas que passarão a acessá-lo de maneira virtual.

Este é o presente que o Primaz e a equipe de comunicação da Secretaria Geral preparou para a Igreja no final de 2016. Foi um trabalho feito na surdina exatamente para não cair no erro de causar ainda mais frustração depois de iniciativas semelhantes, durante estes cinco anos, que acabaram não se concretizando.

Agora sim, temos o nosso Estandarte Cristão de volta! Esta edição especial de retorno apresenta um balanço do que aconteceu na IEAB desde 2011 até o final de 2016. Foram selecionadas matérias de destaque relatando os feitos principais que marcaram a vida da Província. A Igreja, nesse período, teve dois primazes diferentes, dois sínodos, sagrou quatro novos bispos e recebeu visitas do Arcebispo de Cantuária, da então Bispa Presidente da TEC e do Bispo Primaz do Canadá.

Em cada lugar de nossa Província, vimos a expansão do serviço diaconal da Igreja. Processos de formação aconteceram em nível provincial, de áreas e também nas dioceses, mediante a realização de partilhas ministeriais, capacitação de

lideranças leigas, indabas e os encontros sobre sexualidades e direitos.

Tivemos, em 2015, o maior evento provincial de reunião de juventudes de diversas partes do Brasil. Como decorrência desse evento, que mobilizou a Igreja inteira, temos hoje uma juventude ativa e comprometida, na maioria das comunidades anglicanas espalhadas pela IEAB.

Há muitas outras ações que poderíamos destacar, mas faltaria espaço nesta apresentação. O mais importante é que ela é o recomeço de um trabalho que deverá ser assumido por toda a Igreja, com carinho e dedicação. Espero em Deus que esta série que se reinicia seja aperfeiçoada, divulgada e se transforme numa importante ferramenta para a própria IEAB e também seja instrumento de divulgação de nossa Província para a Comunhão Anglicana e para os companheiros e companheiras do mundo ecumênico.

Este é um presente que oferecemos à IEAB com muito carinho e dedicação de pessoas que trabalham voluntariamente para a expansão de nossa Igreja. E, para que estas pessoas se sintam ainda mais motivadas para prosseguir neste caminho de comunicação, é preciso valorizar o seu trabalho. Como? Divulgando, compartilhando, imprimindo e entregando para uma pessoa querida que não tem acesso à mídia virtual.

Vamos valorizar o nosso novo Estandarte Cristão! E ajudemos a aperfeiçoá-lo ainda mais!



***“Temos hoje uma juventude
ativa e comprometida, na
maioria das comunidades
anglicanas espalhadas pela IEAB”***

+

Celebração de encerramento
do ENUJAB 2015
(Foto: Vagner Mendes)





REV. ARTHUR CAVALCANTE
Secretário Geral da IEAB

mensagem da secretaria geral

Encerramos mais um ano de trabalhos e atividades em nossa IEAB inspiradas no texto bíblico "... até aqui nos ajudou o SENHOR" (I Samuel 7.12). Pela graça de Deus, apresentamos um número compacto do Estandarte Cristão, disponível em versão online, que podemos acessar através de nossos aparelhos e também usando um click para imprimi-lo.

A modernidade trazendo o avanço tecnológico é algo maravilhoso para muitos, mas pode ser assustador para outras pessoas. Não podemos negar que essa tecnologia veio para ficar conosco e igualmente tem sido uma ferramenta usada por muitos, especialmente manejada com rapidez e entusiasmo pelas novas gerações. Nesse

sentido, queremos comunicar a mesma mensagem de maneiras diferentes: o tradicional e o moderno unidos em uma publicação séria, sem perder a sua essência e seu valor para cada pessoa fiel.

A Secretaria Geral, atendendo ao pedido de nosso Bispo Primaz apoiou e articulou a publicação do EC, colocando seu staff e estrutura para executar essa tarefa. É nosso desejo que o EC volte a circular em nossas comunidades, trazendo em suas páginas um bom conteúdo que inspire os valores do Reino de Deus. Estaremos atentos sobre a receptividade e também as sugestões e críticas que virão para, assim, ir construindo e dando forma à nossa revista.

Também ele pretende ser um instrumento que contribua na divulgação do fazer Missão da Igreja. Nesse sentido, a liderança pastoral da Câmara Episcopal, em sintonia e em cumplicidade com seu o Clero e o Povo, irá nos conduzir por novos caminhos onde se exigem ações missionárias e pastorais para as pessoas mais necessitadas. Nesse sentido devemos lembrar que não escolhemos essas pessoas, mas elas nos escolheram, adotaram a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil como um lugar seguro, um santuário onde encontram um abrigo espiritual e também de garantia de direitos. O Estandarte se ergue com uma nova roupagem para dar testemunho sobre o que temos feito em Jesus Cristo.

Que o Deus conhecedor de nossas potencialidades e limitações nos ajude a avançar e a crescer, trazendo uma significativa relevância em cada canto do Brasil!



✚
*Inauguração do escritório da
Secretaria Geral em São Paulo
(Foto: Sílvia Fernandes)*

REV. LUIZ COELHO
Editor do Estandarte Cristão



editorial

Há alguns anos, em minha primeira encarnação como membro do Grupo de Trabalho de Comunicação da IEAB, tive a oportunidade de dar suporte a uma das iniciativas mais frutíferas de preservação de nossa história: o projeto Memória Digital. Contava com a profícua orientação do Rev. Oswaldo Kickhöfel, e com a coordenação executiva da então estudante de Análise de Sistemas Kelen Bernardi. O projeto permitiu às nossas comunidades, e a pesquisadores em geral, obter acesso a uma biblioteca impressionante de edições do Estandarte Cristão, digitalizadas e organizadas.

À época, eu já tinha uma relação de amor com o Estandarte. O cupido dessa relação foi a Sra. Jorgina Barbosa, membro fiel da Catedral do Redentor, no Rio de Janeiro, e revendedora voluntária das publicações da IEAB. Ao ver aquele jovem, curioso em saber o que eram aquelas revistas que ela carregava, deu-me um exemplar. Li, guardei e gostei. O ano era 2005, e daí em diante, tornei-me assinante e leitor fiel.

Contudo, somente após a intervenção do projeto Memória Digital, foi possível para mim ter uma real noção da importância cabal que o Estandarte Cristão tem na vida de nossa igreja. Suas páginas, ao longo de mais de um século, apresentam um retrato sincero de conquistas, revezes, acontecimentos diversos, orientações espirituais e muitas notícias que trazem aromas e sabores à igreja que a gente vive com paixão.

Entretanto, as vicissitudes da era digital tornaram o Estandarte menos popular. Gradualmente, a publicação havia se tornado mais um noticiário que um informativo. E era quase impossível competir com a rapidez cibernética do Serviço de Notícias da IEAB. Muitas assinaturas foram canceladas, e a revista deixou de ser editada há cerca de cinco anos.

Mas o estandarte não pode ser guardado! Em Isaías 62.10, ouvimos o mandamento divino: "Aplanem a estrada, tirem todas as pedras e levantem um estandarte como sinal para que todos os povos saibam o que está acontecendo." Esse foi o lema original de 1893, que inspirou esta publicação e nos

compele a continuar nossa obra cristã de anunciar a salvação que vem do Alto, não por armas ou métodos estapafúrdios, mas sim pela emenda de vida, pela vocação e pela evangelização diária. O estandarte dá testemunho de nosso ministério a todas as pessoas!

Fez-se então necessário repensar o Estandarte, e a fonte inspiradora foi justamente sua vocação inicial. A partir desta edição, a publicação volta a apresentar uma componente temática, com seções adaptadas às demandas teológicas, pastorais e espirituais do dia a dia da igreja. Nesta edição, o tema escolhido pela Secretaria Geral foi "Igreja, gêneros e sexualidades", no fiel entendimento de que nossa identidade anglicana nos capacita a sermos uma igreja aberta à discussão ampla sobre todo e qualquer tema. O noticiário permanece, mas com menor ênfase. A apresentação gráfica da revista segue uma linguagem moderna, mas busca restaurar alguns elementos históricos, como a tipografia do cabeçalho original.

Por fim, experimentalmente, este ano de 2017 contará apenas com publicações eletrônicas do Estandarte Cristão, embora haja a opção de impressão em casa, ou sob demanda. Havendo fôlego e planejamento, será possível recomeçar uma tiragem impressa, mas, por agora, é preciso trabalhar para divulgar, promover e partilhar este instrumento de comunicação e evangelização, a ser erguido por nossa igreja a todos os povos. Levantemos o estandarte!

+ Cabeçalho do primeiro exemplar do Estandarte Cristão
(Fonte: Projeto Memória Digital)



noticiário

Breve retrospectiva dos últimos cinco anos sem Estandarte Cristão



Paróquia do Semeador - Olinda/PE

01 Bispos reafirmam unidade da IEAB

Ao longo dos últimos cinco anos, uma marca tem sido fundamental no diálogo da Câmara dos Bispos: a unidade da Igreja ante antigas e novas tendências de divisão. Em 2013, a Diocese do Recife pôde, finalmente, contemplar a devolução de cinco templos, com todos os seus pertences, que haviam sido ocupados por grupo cismático conduzido pelo então bispo diocesano, Robinson Cavalcanti. A devolução de tais propriedades tem sido lenta e gradual, permitindo, contudo, o desenvolvimento de novos ministérios e a reabertura de frentes de evangelização no Nordeste.

Além disso, a postura unânime e inequívoca da Câmara Episcopal tem sido, sempre, reafirmar o ordenamento canônico aprovado no último Sínodo, o qual expressa que qualquer movimento interno da IEAB, organizado deliberadamente sem o consentimento episcopal, constitui uma desobediência ao voto de ordenação e que a manifestação de ameaças de cisma relativas a qualquer decisão tomada ou em discussão dentro da IEAB, constitui uma atitude explicitamente mencionada nos novos cânones é passível de medidas disciplinares. Isso não impede o diálogo e a

diversidade de opiniões. Pelo contrário, reafirma a postura democrática de respeito ao amplo debate teológico, pastoral e ideológico que sempre foi marca de nossa identidade anglicana. Esse debate se traduz em decisões conciliares e sinodais, as quais só são tomadas se obtiverem o consentimento de ampla maioria de delegados e delegadas leigos(as) e clericais.

02 Democracia e engajamento político

A luta por direitos humanos e a proclamação do Evangelho através do engajamento e diálogo com a sociedade se fizeram presentes na vida da Igreja, que contou com diversos de seus membros ativamente dedicados à luta por uma nação mais justa e solidária. Além disso, ante o agravamento da crise política que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, diversas instâncias da IEAB mantiveram posição inabalável em defesa da democracia, sem perder a postura crítica aos diversos governos nos níveis federal, estadual e municipal. A Câmara Episcopal manifestou-se diversas vezes sem receber algum, à Luz do Evangelho do Senhor Jesus Cristo, visando ao bem maior da nação brasileira, acima de interesses mesquinhos, atitudes excludentes e manobras golpistas.



IEAB na Rio+20



Encontro Nacional da UMEAB - 2015

03 Em prol das mulheres

As mulheres, em seus diversos ministérios, têm ajudado a Igreja a fazer ricas releituras da Bíblia, da Teologia e da Liturgia. Dentro desse mote, nos últimos anos, a IEAB buscou reafirmar, de forma positiva, o papel das mulheres nos diferentes ministérios clericais e leigos. Em 2015, comemorou-se o aniversário de 30 anos da ordenação da Revda. Carmen Etel Gomes (primeira ordenação feminina em nossa província). O evento, que coincidiu com o aniversário de 125 anos da IEAB e com o lançamento do novo Livro de Oração Comum, foi presidido pela então Bispa Presidente da Igreja Episcopal, a Revma. Katharine Jefferts-Schori. Em nível local, fomentou-se a discussão sobre violência doméstica (que atinge de forma cruel as mulheres e meninas), havendo sido promovidos eventos de formação paroquial e diocesana, bem como diálogo com diversas instâncias da sociedade civil. Em 2015, a União de Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil (UMEAB) promoveu encontro nacional e frutífero. A Conferência das Nações Unidas sobre o Status da Mulher contou, nos últimos anos, com a presença de mulheres leigas e clérigas representando nossa Igreja, como Christina Winnischofer, Ana Lucia Machado, Sandra Bueno, Revda. Inamar Correa, Ilcéia Soares, Sandra Andrade, Revda. Tati Ribeiro e Nathália Feldens Maiztegui. O testemunho dessas, e de outras mulheres, tem gerado frutos e vida para nossa Igreja.



Eucaristia presidida pelo Arcebispo de Cantuária, em São Paulo

04 Juventude ativa

Como expressão de um sonho que se tornou realidade, a juventude da IEAB reuniu-se nos dias 4 a 7 de setembro, em Brasília, para a realização do Encontro Nacional da União da Juventude Anglicana – ENUJAB 2015. Contando com a participação de 250 jovens de todas as Dioceses e do Distrito Missionário, os quatro dias de encontro permitiram com que cada participante pudesse se encontrar com Deus e assumir o compromisso de, juntos, fortalecer o trabalho da juventude a nível provincial.

O Grupo de Trabalho (GT) da Juventude, composto por Revda. Tatiana Ribeiro (DAB), Revdo. Jordan Santos (DSO), Dominique Lima (DAR), Débora Del Nero (DASP) e Pedro Andrade (DAP), foi responsável por pensar a realização do encontro e buscar maneiras de transformar o sonho da juventude reunida em realidade. Contando com o apoio institucional da IEAB, além da colaboração de todos os jovens das dioceses, o ENUJAB 2015 finalmente se concretizou. O encontro foi finalizado com uma emocionante celebração de envio, com a apresentação do Credo Contemporâneo da Juventude Anglicana elaborado pelos próprios jovens ao longo do encontro.

05 Visitas primaciais e da Comunhão

Recentemente, a IEAB recebeu importantes visitas de membros de igrejas-irmãs da Comunhão Anglicana. Destacam-se a visita da Sociedade da Rosa dos Ventos (*Compass Rose Society*), ocorrida em abril de 2011, as reuniões da Comissão Bilateral Igreja Episcopal-IEAB, na mesma época, e o II Encontro de Dioceses Lusófonas da Comunhão Anglicana, em 2015. Reveste-se de importância a visita oficial do Arcebispo de Cantuária, Primaz da Inglaterra e *primus inter pares* da Comunhão Anglicana, Revmo. Justin Welby. Tal visita ocorreu em São Paulo, e contou com reuniões e celebrações com representações clericais e leigas de todo o país.

Já a então Bispa Presidente da Igreja Episcopal, Revma. Katharine Jefferts-Schori, visitou-nos em maio de 2015, na celebração de 125 anos de IEAB, 30 anos de ordenação feminina e lançamento do Livro de Oração Comum de 2015. E o Primaz do Canadá, Arcebispo Fred Hiltz, esteve acompanhado de comitiva em novembro do mesmo ano, visitando as dioceses de Brasília e Amazônia.

06 Ecumenismo

A IEAB continua firme no propósito de arejar o cenário cristão brasileiro com os ventos da unidade e as boas novas do serviço ecumênico. Sua participação se dá, diretamente, através do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), bem como outros órgãos nacionais e regionais.

Além disso, é importante mencionar que a Comissão Internacional Anglicana/Católica Romana (ARCIC), órgão oficial de diálogo teológico das duas comunhões, realizou reunião no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, de 29 de abril a 7 de maio de 2013. Foi a primeira vez em sua história de quarenta anos que a ARCIC se reuniu na América Latina. Outras comissões internacionais de diálogo ecumênico também têm contado com membros da IEAB.

Com esse espírito em mente, em agosto de 2014, por iniciativa do Conselho Executivo da Província, Secretaria Geral, Bispo Primaz e Comissão de Relações Ecumênicas, ocorreu reunião frutífera entre todas as pessoas que representam a IEAB ecumenicamente, de modo a traçar diretrizes e iniciativas comuns, as quais têm sido implementadas, na medida do possível.



Comissão Nacional de Diaconia

07 Diaconia e desenvolvimento

Em 2008, o Conselho Executivo do Sínodo da IEAB criou o Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento (SADD), como instância operacional da Diaconia da IEAB. Ele está vinculado à Secretaria Geral e é acompanhado pelo organismo sinodal, a Comissão Nacional de Diaconia. O SADD é constituído por uma coordenadora e pelos Contatos Diocesanos, pessoas de referência em cada Diocese e Distrito. O SADD, nos seus oito anos de existência, investiu no fortalecimento da consciência de Diaconia e envolvimento com as Políticas Públicas e Direitos Humanos na IEAB, ampliando o compromisso da Missão anglicana com a sociedade brasileira. Neste processo, a criação da Comissão Nacional de Diaconia (CND), como uma comissão sinodal formada por clérigos e leigas de distintas dioceses, tem a missão de refletir, produzir e estabelecer as linhas de ação em relação à diaconia da IEAB, em conjunto com os seus órgãos de decisão e demais comissões nacionais. A CND acompanha e contribui na articulação do trabalho do SADD que é quem operacionaliza a diaconia. Ajuda no seu diálogo com os parceiros internacionais e tem proposto temas (metas do milênio, políticas públicas, cartilhas sobre violência de gênero e sexualidades) e assessorado metodologicamente eventos.

08 Novos bispos para a IEAB

Em março de 2011, foi sagrado o Revmo. Francisco de Assis da Silva, eleito bispo para a Diocese Sul-Occidental, cuja sé é Santa Maria/RS. Anteriormente, ocupava a função de Secretário-Geral da IEAB. Em dezembro de 2012, foi sagrado o Revmo. Humberto Maiztegui Gonçalves, para bispo coadjutor na Diocese Meridional, com sé em Porto Alegre. Antes da eleição, era reitor da Paróquia de São Lucas, em Canoas, e professor do Seminário Teológico Egmont Machado Krischke. Já em 2013, foi sagrado o Revmo. Flávio Irala como bispo de São Paulo, em meio a momentos de crise. O conflito ganhou proporções quando um grupo de clérigos, liderados pela Catedral Anglicana de São Paulo, questionou a primeira eleição episcopal. O impasse durou cerca de 11 meses depois e requereu a realização de outro concílio. No XXXII Sínodo Geral, foi eleito o Revmo. João Cancio Peixoto bispo coadjutor do Recife, sendo sagrado em dezembro de 2013. Finalmente, em novembro de 2016, foi eleito bispo coadjutor para a Diocese do Rio de Janeiro o Rev. Eduardo Grillo, cuja sagração deverá ocorrer no ano de 2017.



Bispo-Primaz Dom Francisco e Bispo-Eleito do RJ, Rev. Eduardo Grillo

09 O primado de Dom Francisco

Após dois anos de ministério episcopal no interior do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, coube ao XXXII Sínodo Geral eleger o Revmo. Francisco de Assis da Silva Bispo Primaz da IEAB. A eleição ocorreu no dia 16 de novembro de 2013 e a instalação aconteceu no dia seguinte, no Encerramento do Sínodo, na Catedral Anglicana do Redentor (situada no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro). Despediu-se de sua função primacial o Revmo. Maurício Andrade, que permanece Bispo de Brasília.

O primado de Dom Francisco tem sido caracterizado pelo notável engajamento ecumênico e social, bem como com a abordagem cuidadosa no tocante a diversos assuntos polêmicos da atualidade. Como pastor desta comunidade de anglicanos espalhados pelo Brasil, tem buscado a reconciliação e a solidariedade, o diálogo e a acolhida.



Dr. Rafael Fernandes recebe os documentos do Cartório de Porto Alegre

10 Transições na Secretaria Geral

Após a nomeação do Rev. Arthur Cavalcante como Secretário Geral da IEAB, o escritório da Secretaria Geral foi realocado de Porto Alegre para São Paulo, como experiência a fim de responder às demandas da missão da Igreja. O processo de transição foi corroborado pelas principais instâncias provinciais, e ocorreu em 2011.

Toda a parte administrativa da Secretaria Geral passou a funcionar nas dependências da Paróquia da Santíssima Trindade, em São Paulo. Por decisão do Conselho Executivo, a Livraria também foi transferida para São Paulo. O Arquivo Nacional, Museu e Biblioteca permaneceram em Porto Alegre, no Edifício Watson Morris. Por fim, após decisão tomada pelo Sínodo Extraordinário em junho de 2016, iniciou-se o processo cartorial para mudança da sede administrativa da IEAB de Porto Alegre para a cidade de São Paulo, o qual deverá ser concretizado no decorrer de 2017.



Comissão Nacional de Liturgia no lançamento do novo LOC

11 Novo Livro de Oração Comum

Em maio de 2015, a Comissão Nacional de Liturgia apresentou à IEAB sua nova liturgia oficial, com linguagem inclusiva, contemporânea e a inclusão de diversos ritos adicionais, atendendo a uma demanda histórica do anglicanismo brasileiro. O LOC 2015 tem sido amplamente utilizado nas comunidades ao redor do país.

12 Sínodos e mudanças canônicas

O XXXII Sínodo Geral, realizado no Rio de Janeiro, em 2013, não somente contribuiu para a eleição de um novo Primaz, ratificação do atual Secretário Geral e eleição de novos cargos. Também convocou a realização de um Sínodo Extraordinário Constituinte, o qual foi realizado entre os dias 16 e 19 de junho de 2016, na Cidade de Vargem Grande Paulista/SP para aprovar um projeto de nova Constituição e Cânones, fruto de um trabalho de mais de dez anos de estudos.

Os novos documentos não apenas proveem um novo arcabouço legal, mas principalmente a clareza e funcionalidade das estruturas da Igreja para o alcance de nosso maior objetivo que é: proclamar as boas novas do reino de Deus a todas as pessoas, independentemente de sua condição social, econômica, de gênero e raça. As mudanças propostas no projeto revelam a fidelidade da IEAB ao caminho do movimento de Jesus.

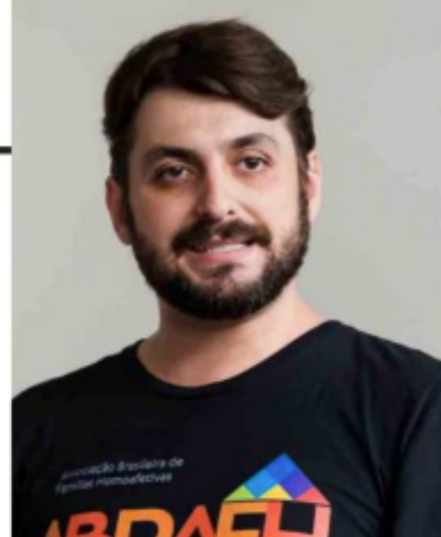


Dom Naudal Gomes, em solidariedade com os índios Guarani

13 Uma igreja solidária

Buscando ser uma voz profética num mundo cada vez mais quebrantado, a IEAB fez-se presente como testemunha solidária em diversos eventos que deixaram nossas comunidades mobilizadas em prol do auxílio ao próximo. A Diocese Sul-Occidental, por exemplo, continua em memória e solidariedade pelas vítimas do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria. No Estado do Rio de Janeiro, a IEAB foi polo de recolhimento de doações para as vítimas de terríveis enchentes na Região Serrana, em 2011. O Bispo Primaz posicionou-se de forma crítica e incisiva contra o descaso no trágico acidente ecológico em Mariana/MG e no vale do Rio Doce. Mais recentemente, a IEAB se mobilizou em protesto contra a violência homofóbica e contra a exclusão de etnias, como imigrantes haitianos e povos indígenas. O testemunho profético tem que continuar!

SAULO AMORIM
Diretor de Relações Interinstitucionais da ABRAFH
(Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas)



opinião

Um salto (e abraço) de fé

Nasci em uma família predominantemente cristã. A maioria, incluindo meus pais, eram católicos, alguns tios e primos presbiterianos, outros parentes eram judeus, messiânicos e até agnósticos. Cursei boa parte da educação básica em escolas católicas, frequentei a Igreja e dela participei ativamente da adolescência à fase adulta. Foram longos anos de dedicação à atividade pastoral, à catequese e ao exercício dos ministérios da palavra e do canto. Sim, era conhecido em minha paróquia e na Renovação Carismática Católica (RCC) do Rio de Janeiro como pregador e cantor. Participei da catequese de adultos e de pessoas surdas, escrevi para o informativo paroquial e cheguei a integrar o Conselho da minha comunidade. De toda atividade pastoral, destaco com alegria o fato de ter fundado o Coral Jubileu na basílica do Imaculado Coração de Maria, as Noites de Avivamento, ambos no Méier, e o Grupo de Oração do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR), em Botafogo. Por fim, galghei uma especialização superior em Ensino Religioso.

Toda caminhada tem um ponto de partida e o meu deveu-se à experiência do sagrado obtida por meio do Grupo de Oração Água Viva (GOAV), na mesma Basílica - primeiro grupo de oração da RCC no Rio de Janeiro. No GOAV, compreendi o valor da oração e aprendi que a fé não se estrutura sem estudo. Aos poucos, fui criando coragem e perdendo a timidez. O canto era uma grande motivação e um facilitador. Em pouco tempo, era uma liderança jovem de bastante destaque. E, por isso, fui convidado a integrar níveis de coordenação local, regional e, por fim, estadual. Ministrei a palavra, dentro e fora da cidade do Rio. Foram diversos os cursos e retiros de cura e experiência de oração.

Uma bela caminhada, alguém poderia dizer. Todavia uma caminhada marcada por uma grande angústia, recolhida no silêncio do meu coração e diálogo das minhas orações. Ao leitor, revelo que hoje tenho orgulho de dizer que sou homossexual. Porém, naquela época, essa condição era uma perspectiva que me torturava diariamente.

Desde muito pequeno notava que era "diferente" dos padrões apresentados a mim. Na infância percebi que não tinha interesse em meninas. Elas eram, no máximo, grandes amigas e boas companhias de brincadeiras. Os meninos, no entanto, eram bonitos e, de certa forma, atraentes.

Eu pensava que aquilo era errado, um grande pecado. Afinal, exaustivamente eu havia ouvido isso na escola e na igreja. Havia me dito que o pecado dos pederastas, dos gays, dos homossexuais era abominável aos olhos de Deus e que aqueles que se entregavam a tais práticas vilipendiavam o nome de Jesus e não mereciam a vida eterna.

Na adolescência, posso dizer que sentia medo do futuro e muito mais medo de que alguém "descobrisse" o meu segredo, quanto mais os meus pais. Eu me calei e aprendi a disfarçar meus interesses, gestos e comportamentos. Mas eu cresci e os hormônios chegaram. Os "trejeitos" incontidos eram motivo de escárnio e deboche. O fato de não conseguir me adaptar, me esconder ou disfarçar era desesperador. Tenho poucas lembranças dessa época, confesso. Acho que, de forma inconsciente, bloqueei as memórias. Guardo somente a nítida sensação de viver em constante agonia.

Das poucas memórias, resgato uma. Talvez a mais forte. Recordo-me que minha mãe, com raiva e aos prantos, certa vez me disse "Eu não tive filha mulher, eu só tive filhos homens... Comporte-se!". Não me recordo o que fiz, mas sei que saí daquele momento com a certeza de que tinha um compromisso com meus pais e precisava cumpri-lo para o bem e felicidade deles, mesmo que isso custasse a minha.

Busquei refúgio na igreja, eu me lembro. Lá as pessoas pareciam mais acolhedoras e não me criticavam abertamente como em outros ambientes sociais. Mal sabia que minha ingenuidade não me permitira perceber que nelas residia a hipocrisia que Cristo outrora



ABRAÇO - Rio de Janeiro
(Foto: Gataria Photography)



denunciara. Bem ou mal, algo ali dentro era mais forte – e o leitor saberá, por certo, do que falo – não permitiu que a hipocrisia me paralisasse. Essa força maior me envolvia com ânimo e entusiasmo, me estimulava a prosseguir.

Recordo-me também que desenvolvi um preconceito irracional sobre o mundo e as pessoas LGBTI, sobre tudo que não fosse cristão em essência e católico, por excelência. Acreditava que tais pessoas estavam fadadas a desenvolver relacionamentos doentios, obscuros e passageiros. Por outro lado, tinha a certeza que, tal como meus pais e avôs, queria constituir família e ser feliz no exercício da paternidade. Acreditava que o catolicismo me auxiliaria nessa empreitada.

O radicalismo e o conservadorismo carismático revelaram ser combustíveis para a batalha que vivia internamente. Estava certo de que precisava de cura, quicá exorcismo. Estava disposto e busquei todas as oportunidades que apareceram.

Nessa altura, era um jovem que começava a traçar os planos para a vida. Mas, como conseguiria ser um bom profissional, um bom pai de família, se não pelo envolvimento com mulheres? Por não vislumbrar outra possibilidade de realizar meus sonhos, me obriguei a buscar namoradas. Os relacionamentos vieram. Eram estáveis e duradouros aos moldes cristãos. Condição conveniente que dispensava o excesso de desculpas pela falta de libido. Percebi também que o fato de andar ao lado delas me favorecia por inibir alguns comentários maldosos. Tudo parecia estar equacionado e eu bem interpretava no palco da vida.

O curso superior chegava ao fim e eu me dava conta de que a vida pastoral havia esgotado boa parte da minha vida e do meu tempo. Os amigos eram na grande maioria os da igreja. A vida profissional ríspida, pois meus compromissos pastorais não me permitiram frequentar bons estágios, congressos e atividades acadêmicas. No campo sentimental, o problema era mais grave. Eu me sentia um fracasso, um homem sexualmente mal resolvido que impedia a companheira, então noiva, de ser feliz envolvendo-a num relacionamento de fachada.

Nesse ponto, retorno meu relato aos primeiros parágrafos! Aquele era o Saulo no início dos anos 2000. Um rapaz de vinte e poucos anos, recém saído da universidade que, pela primeira vez na vida, reunia coragem para colocar as bases de sua fé em cheque e, principalmente, que percebia que seus esforços, estudos e luta pouco haviam lhe trazido em resposta. O desejo de ser feliz, completo, autêntico e sincero não mais podia ser guardado “no armário”.

Tomei coragem e rompi o noivado. Pensei que deveria resolver ao menos a questão sexual e poderia prosseguir com o mesmo ritmo nas outras áreas. Poucos meses depois encontrava meu primeiro namorado, Renan, que chegava para revalar novos horizontes. Aos poucos, eu o integrei à minha vida e, com ele, permaneci na atividade pastoral. Eu o apresentei como um amigo, mas era inevitável que nos reconhecessem como um casal. Nosso Pároco nos acolheu, devo fazer justiça, mas a comunidade, infelizmente, não.

O preconceito era velado e as portas se fechavam com sorrisos, mas sem pudor. Os convites para palestras desapareceram. Alguns amigos misteriosamente esqueceram os meus contatos e se afastaram. Novamente sofri, e muito. Por algum tempo insiti em retornar, busquei reinserção, me disponibilizei. Não havia mais inclusão. As janelas também estavam fechadas.

Agora dispunha da força da maturidade e do apoio do meu namorado. A ninguém poderia culpar, pois eu sabia que corria esse risco. A saída foi me reencontrar em outros lugares e espaços. Tive a ajuda de alguns poucos amigos que ao meu lado permaneceram. Tive também apoio de minha família que, com amor, aprendeu a lidar com a verdade e conseguiu superar a dor das expectativas desfeitas.

Sim, eu vi a luz, mas tal como Saulo de Tarso, caí e decidi de me retirar para o exílio, em um completo deserto de práticas religiosas. Foram longos oito anos sem insitir ou cogitar a participação ativa. Mas creia, leitor, não perdi a fé e jamais deixei de orar.

Precisei mudar e o fiz da forma mais radical possível. Mudei de profissão, de local de trabalho, de casa e de bairro. O exílio foi proífico e me permitiu perceber que nada havia feito em vão. Toda minha história, cada noite escura, cada lágrima de agonia tinha um significado. Todo conhecimento acumulado e a experiência da fé no sagrado eram marcas indeléveis em mim.

Com alegria, preciso lhe contar algumas alegrias, meu amigo leitor. Nesses oito anos, realizei sonhos impensáveis. Reatei

ABRAÇO - Curitiba
(Foto: ABRAFH - Divulgação)



laços com quase toda a minha família e reforcei os que já tinha com meus amados pais. Em 2013, casei com Renan de "papel passado" como sempre quis. Com muita honra, fiz da família dele a minha também, em espírito e verdade. Por fim, com dez anos de projeto de vida em comum, demos entrada no processo de adoção e aguardamos a qualquer instante a chegada de nossos filhos.

Outro motivo de alegria surgiu há quatro anos. Conheci Maria José, que desde os primeiros dias em minha casa chamou atenção pelo comportamento isento de preconceito quanto à nossa orientação sexual. Para minha surpresa, certa vez confessou-me ser Budista, da linha Nichiren Daishonin. Por suas mãos, recebi um convite e, aos poucos, me percebi retomando os passos e a caminhada. Para minha alegria, meu marido me acompanhava e incentivava.

Por meio de uma prima presbiteriana – que se preocupava com meu distanciamento do cristianismo – conheci, Luiz Coelho, sacerdote da IEAB no Rio de Janeiro. De imediato, encontrei não somente um sacerdote com quem poderia conversar abertamente, mas um amigo que me acolhia sem hipocrisia, se dispunha a me ouvir sem reservas e não se importava com minha recente conversão ao Budismo.

Luiz me convidou para um evento em sua paróquia que reunia diversas lideranças cristãs para discutir estratégias de acolhimento e inclusão nas igrejas. Saí encantado! Feliz por perceber que o mundo cristão evoluiu e dava sinais de avivamento. Para

minha surpresa, a Igreja Anglicana era mais inclusiva do que eu imaginava.

Há um ano, começava a participar de grupos de apoio à adoção e, por meio deles, conhecia a Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas (ABRAFH). Nela ingressei e me envolvi ativamente, com paixão por seus ideais e propósitos. O entusiasmo dos tempos da juventude retornou ao meu coração e, então, direcionei minhas forças à militância pelas causas das pessoas e famílias LGBTI.

Compartilhei a boa nova com o amigo Luiz, desejando que ele pudesse fazer pelas famílias da ABRAFH o bem que todo sacerdote tem por vocação fazer. Luiz se prontificou e em pouco tempo estava envolvido e comprometido com a principal luta da ABRAFH: a visibilidade positiva das famílias homotransafetivas e a garantia dos direitos humanos e fundamentais.

Em agosto de 2016, Luiz semeou uma grande ideia em meu coração. Questionou-me sobre a possibilidade de realizarmos com a ajuda da ABRAFH um grande encontro de pessoas e famílias homotransafetivas com lideranças religiosas.

Percebi que essa seria uma excelente oportunidade de propiciar às pessoas homotransafetivas um lugar verdadeiro de acolhimento religioso. Poderia enfim, resignificar não somente a minha história, mas tantas outras histórias de decepção e exclusão pastoral. Promover esse encontro talvez fosse um estopim para a aproximação ou reaproximação de inúmeras pessoas e famílias desacreditadas da im-

portância da fé, no sentido mais amplo da palavra.

Assim, surgiu o ABRAÇO, como o primeiro evento em âmbito nacional da ABRAFH que reuniu diversas famílias em sete capitais, em um mesmo dia e hora. O ABRAÇO foi um ato inter-religioso, com exibição de filme, roda de diálogo e um momento de oração na companhia de líderes cristãos, espíritas, budistas, judeus e de matriz africana. Com o inestimável apoio da IEAB, a ABRAFH encontrou não somente as lideranças sacerdotais e leigas, mas também os lugares e o acolhimento necessário para a realização do evento.

Ao final do evento me senti completamente realizado e cheio de vigor! Por certo, o apoio dos irmãos Anglicanos foi fundamental. O ABRAÇO teve como sede a IEAB em quatro capitais e em quase todas um sacerdote ou leigo representante. Ao redor da fé nos mais elevados valores humanos, havíamos abraçado as famílias homotransafetivas Brasil afora e declarávamos que esse evento seria inserido no calendário anual da ABRAFH.

Por tudo isso, caro leitor, hoje posso dizer que sou um homem feliz e bem sucedido! Entendi de uma vez por todas que os laços de afeto são mais importantes que quaisquer outros e que família é dádiva construída com decisão e dedicação. Resgatei não somente a minha fé e a capacidade de lutar pela felicidade, mas também o desejo de lutar pelo próximo e de demonstrar que todos podemos (e devemos) ser completos, quanto mais no aspecto espiritual.



PRA. ROMI MÁRCIA BENCKE

Pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil
Secretária Geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

pastoral



O bom samaritano, por Vincent Van Gogh
(Óleo sobre tela, 1890)



As surp

É conhecida a expressão: "a vida prega muitas surpresas". Sempre a utilizamos quando algo muito bom acontece com a gente. Essa expressão, em algumas ocasiões, também é utilizada quando as surpresas da vida nos afetam de forma inesperadamente impactante.

A fé, assim como a vida, também prega surpresas. Só que nem sempre estamos atentos e atentas para percebê-las, em especial, em contextos como o que vivemos, onde há um desejo incrível de "enquadrar" a vontade de Deus. Por vezes, Deus nos provoca e desafia a olharmos à nossa volta de forma livre, sem os óculos humanos, eivados de pré-julgamentos e verdades rígidas. Estas são formas que Deus têm de nos surpreender. A fé, que é graça de Deus, é a força que irradia e impulsiona para a descoberta de novos olhares para o mundo. No entanto, nosso desejo humano, de controlar tudo, nem sempre permite que a fé nos empurre por caminhos desconhecidos. Rapidinho damos um jeito de fugir das provocações de Deus. Enjaulamos a fé em nossas certezas rígidas e inegociáveis. Não nos deixamos surpreender por Deus. Preferimos seguir caminhando com nossas certezas, que nos levam a fazer discursos enérgicos dizendo claramente o que é certo e o que é errado, o que conduz ao céu e o que conduz ao inferno, o que é de Deus e o que não é de Deus. E bradamos, bradamos, bradamos... enquanto Deus... fica aí..., insistentemente, querendo nos surpreender, só que estamos tão fechados e fechadas para a graça de Deus que não a notamos.

Nos últimos anos, temos sido surpreendidos por debates acalorados que envolvem o conjunto das comunidades cristãs, entre estes temas, destacam-se o do diálogo inter-religioso, a justiça de gênero e a orientação sexual. Em relação a estes dois últimos temas, ouve-se muita coisa. A perspectiva de gênero, que sempre foi compreendida como um instrumento relevante e essencial para analisar as relações de poder estabelecidas na sociedade, virou, do dia para a noite, uma ideologia perigosíssima que precisa ser combatida. A orientação sexual é outro tema tabu sobre o qual é proibido falar.

Sabemos que tradições religiosas têm como uma das funções a preservação da tradição. Elas são importantes para estabelecer alguns limites para a ação humana, em especial, aquelas que colocam em risco a humanidade. É importante compreender esta função da religião.

Nas polarizações atuais, esse é um critério válido. O que é mais coerente com o amor de Deus? A condenação ou a acolhida e a compaixão? Somos nós seres aptos para julgar e impedir que pessoas que, para nós, não se enquadram nos nossos critérios de certo ou errado vivam

resas da fé

No entanto, a preservação da tradição não pode se tornar um fim em si mesmo. Toda tradição precisa estabelecer pontes de diálogo com o tempo histórico. Para ilustrar o que estou dizendo, recorro ao evangelho e às discussões de Jesus com os fariseus (Lucas 5.29-6.1-5) sobre as leis. Jesus, o tempo todo, queria atualizar a lei. São conhecidas as discussões sobre a lei do sábado. Para Jesus, esta lei teria que ser relativizada sempre que uma pessoa estivesse passando por dificuldades. Para os fariseus, não existia a possibilidade da relativização. Era seguir o que estava escrito e pronto. Esta inflexibilidade, certamente, trazia muitos conflitos.

Situações similares acontecem hoje, principalmente em temas que envolvem a perspectiva de gênero e orientação sexual. Se na sociedade em geral estes temas são polêmicos, nas comunidades eclesiais eles são muito mais polêmicos. Em alguns casos, geram divisão no corpo de Cristo. A polarização faz com que alguns silenciem. Melhor não falar se a unidade é colocada em risco. Como igrejas, ficamos divididos entre seguir o que aprendemos de nossos avós e avôs, pais e mães ou atualizar a tradição estabelecendo pontes de diálogo entre nossa tradição religiosa e tempo histórico que vivemos.

São temas complexos e difíceis. Fugir deles pode não ser a melhor opção, mesmo em nome da unidade. No entanto, impô-los pode parecer um tanto quanto imprudente. Qual via tomar?

No evangelho aprendemos que Jesus tinha critérios para se posicionar em relação aos temas complexos de sua época. É conhecido o texto da mulher que seria apedrejada. Pela lógica da época, não haveria saída para essa mulher. Se ela cometeu adultério, deveria ser apedrejada. Isso era o certo. Só que Jesus interveio com uma pergunta que provoca cada pessoa a pensar sobre si mesma. Como julgar o outro sem nos autoavaliarmos? Que prática é mais coerente com o amor de Deus: sensibilizar-se com o sofrimento do outro ou a condenação.

a experiência da fé? Podemos nós dizer quem pode e quem não pode fazer parte da vida comunitária? Não seria essa uma função única e exclusiva de Deus?

Observando as discussões atuais que ocorrem em torno dos temas gênero e orientação sexual, sempre chama a atenção que pessoas queiram colocar-se no lugar de Deus e definir o que pode e o que não pode. Outros, ainda, não se intimidam em chamar as pessoas de pecadoras. Novamente a pergunta: a quem cabe o papel de julgar? Por que não nos deixarmos surpreender pela graça de Deus e nos deixar envolver pela experiência de conhecer a outra pessoa, sua vida, seus sonhos e seus sofrimentos?

Ouvir o outro lado, no caso, aquele em que estão pessoas gays, lésbicas, travestis, transexuais e mulheres sempre me surpreende quando o tema é religião. O que provoca a surpresa é que elas, apesar de toda a negação de seu direito em participar da vida eclesial, insistem em querer participar. Elas querem fazer parte da vida de fé, colaborar com a comunidade, ter cidadania religiosa. Ouvir essas pessoas nos tira da zona de conforto. É Deus que nos surpreende e diz: por mais que você tente negar, o meu amor é para todas as pessoas.

O amor de Deus não se orienta pelas certezas humanas. O amor de Deus é um amor que surpreende e desestabiliza. Foi assim quando Jesus conversou com a samaritana à beira do poço e conviveu com eles (João 4.1-42). Um judeu não falava com uma pessoa samaritana e muito menos passaria dias entre elas. Jesus quebrou a regra. E mostrou que o convívio entre dois grupos tão diferentes é possível. Precisamos aprender dessas experiências de boa nova; abrimo-nos para acolher. Este é um caminho que conduz a gratas surpresas. Dar-nos o direito de nos surpreendermos com o amor de Deus nos conduzirá à experiência única de experimentar o amor ao próximo em sua plenitude. Vamos deixar nos surpreender?



PAULO UETI
Teólogo e Biblista

teologia

Discipulado de iguais: iguais, mas diferentes

Cada vez mais somos colocadas¹ frente a frente com a questão da diversidade e da unidade. E o tema das sexualidades e gênero é lugar fundamental para continuarmos esse debate e procurarmos mais fidelidade ao projeto de Deus.

E como pessoas religiosas somos desafiadas a "amar incondicionalmente" e "permanecer juntas", mesmo na dissensão e no conflito. As tentativas de higienização e homogeneização na religião sempre resultaram em violência e expressa uma "desobediência" (não ouvir) a Deus. Escrevo esta nota como uma opinião de um membro da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Esta é uma tentativa de continuar o processo de diálogo permanente e fraterno sobre o tema de gênero, sexualidades e direitos. Certamente continua

sendo um campo minado e doloroso de passagem e de experiências. Infelizmente essa jornada tem sido carregada, em diferentes níveis e lugares, de intolerância, dogmatismos e certezas (que imediatamente interrompem qualquer diálogo). Por isso quero opinar ao invés de disserter algo supostamente científico, a partir de meu campo de estudo e especialização. Quero insistir nessa palavra: diálogo. Quero insistir nesse caminho (método) dialogal onde somos convidadas a irmos mais longe, por isso a exigência é maior e a necessidade de vontade e desejo fundamentais de seguir juntas. Precisamos continuar repetindo e realmente pondo significado na expressão de Jesus para seus discípulos/as: "Desejei ardentemente comer essa Páscoa com vocês..." (Lucas 22.15).

Em minha opinião é fundamental conectar esse diálogo com o olhar atento para

a realidade em que vivemos e a realidade em que queremos viver, a leitura e interpretação da Bíblia (como fazemos, para quem fazemos, quais objetivos temos, quem ajudamos e fortalecemos) e com a escuta atenta e amorosa desta palavra na vida e na liturgia (como celebramos, como nos preparamos para escutar Deus, a natureza e a humanidade, como isso nos modifica e nos faz mais parecidas com Jesus). Toda teologia como ato de reflexão precisa levar em conta esses aspectos. A corporeidade, as sexualidades, os direitos que temos são elementos fundamentais desse caminho teológico. Afinal é para que a justiça e o direito floresçam que fomos chamados (Amós), também é para não ficar conformadas com o sistema atual e mudar nossa maneira de pensar e agir (Romanos 12.2).

Gostaria de lembrar com nosso irmão Rubem Alves que:

¹ Utilizou-se, no decorrer do artigo, o feminino como plural neutro.

"Toda teologia é um jeito de falar sobre o corpo.
O corpo dos sacrificados.
São corpos que pronunciam o nome do sagrado: Deus.
A teologia é um poema do corpo,
o corpo orando,
o corpo dizendo as suas esperanças,
falando sobre o seu medo de morrer,
sua ânsia de imortalidade,
apontando para utopias,
espadas transformadas em arados,
lanças fundidas em podadeiras...
Por meio dessa fala
os corpos se dão as mãos,
se fundem num abraço de amor,
e se sustentam para resistir e para caminhar."
(Alves, 2005)

Gostaria de recordar também que a "Palavra de Deus" que encontramos na Bíblia (mas não somente nela) tem por objetivo: ser lâmpada para os pés e luz para o caminho (Salmo 119.105), nos ajudar a crer em Deus e a ter a vida em Jesus (João 20:30-31), a nos corrigir e a nos manter na retidão (1ª Timóteo 3.14-17), a verificar a solidez da fé (Lucas 1.1-4). A Bíblia não nos foi legada para que creiamos nela, mas para que, através dela, creiamos em Deus (João 20.30-31). E, não esqueçamos que crer é viver. É um testemunho, é um ato. "Crer é uma experiência vital e comunitária; o mistério deve ser acolhido na oração e no compromisso, é o momento do silêncio e da ação." (Gutierrez, 1990). É importante não esquecer desse dado da Revelação para que não percamos nosso foco nesta nossa caminhada, para que não erremos nosso alvo (pecado), para que sejamos capazes de "verdadeiramente" e de coração aberto escutar o que Deus tem para nos dizer, do jeito que Deus quer nos dizer.

Não é demais voltar a lembrar que a convivência humana é um desafio desde sempre. Como conviver com o diferente? Como "harmonizar" a criação de Deus?

Quando lemos os textos bíblicos já nos deparamos com vários relatos sobre esse desafio e como lidar com ele. Infelizmente algumas de nossas leituras são extremamente seletivas e feitas com óculos embaçados ou com óculos emprestados de outros projetos que não são os de Jesus, nosso modelo. Para as nossas comunidades cristãs é um desafio inerente à identidade nossa. A convivência com o que é diferente de mim é estruturante, é exigida como parte de quem eu sou como pessoa batizada. A intolerância e o julgamento que exclui e desumaniza (ataca a humanidade de alguém afirmando que ela é menos humana e querida que eu) não podem fazer parte do nosso jeito de viver a fé.

Para a teologia, Deus revelou-se aos seres humanos através de sua capacidade (ou será sua essência?) de relação. Se nós procuramos a Deus é porque Deus nos procurou primeiro. (Gênesis 1-2; Oseias 1-3.11). Ele tomou a iniciativa de, por amor incondicional (mesmo sabendo que a iniquidade habita em nossos corações – Gênesis 9; Oseias 11), revelar-se e autocomunicar-se. Poder-se-ia dizer então que uma das privilegiadas expe-

riências de Deus se faz na relação. Deus é Relação ("Deus é Amor" – 1ª João 4.19). É no outro e na outra que encontro uma revelação de Deus: "...Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mateus 25.40). "Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1ª João 4.20). A tradição bíblica é testemunha dessa "simbiose" total entre Deus e o povo.

Neste sentido, durante nossa história, foi-se esquecendo a fundamental diferença entre unidade e uniformidade. Cada vez mais somos chamados, e somos patrulhados, para sermos uniformes: dizer as mesmas palavras, realizar os mesmos ritos do mesmo jeito, utilizar os mesmos manuais, dizer a mesma teologia, organizar-se do mesmo jeito, ser homem e mulher a partir de um modelo só. É um caminho que levou muitos sistemas ao totalitarismo, violência e rupturas. É um caminho que mata cotidianamente, conforme temos vistos vastamente em nossa realidade.

Por isso é fundamental voltar nosso coração e nossa mente para a espiritualidade bíblica: centrada na misericórdia e no Reinado de Deus. Paulo nos ajuda a olhar para essa realidade carismática e de poder na igreja primitiva e isso lança luzes (e com elas vêm as sombras inevitavelmente) para um "retorno ao primeiro amor", uma mirada ao projeto original de Jesus. Paulo utiliza o sinal dos membros do corpo para falar da igreja cristã: os membros são essencialmente diferentes mas todos igualmente necessários e com a mesma dignidade.

Desenvolve-se aqui o que se chama em nossa teologia de "o discipulado de iguais". Como compreender essa premissa teológica enraizada em toda a tradição bíblica hoje em dia? Como compreender a diversidade de carismas e sua equidade na vida da igreja (da instituição e dos fieis)?

Falando de Gênero e sexualidades

Para fazer uma boa *eisegese* (entrar no texto e também analisar a realidade) a fim de que a exegese e a hermenêutica sejam correspondentes, utilizo a categoria de gênero para analisar nossa pericope e fazer uma interpretação.

O instrumental de gênero elucida as realidades históricas construídas, que definem no âmbito cultural e social o que significa ser mulher e ser homem. O termo e seu referencial ajudam a definir as características que não são biológicas, mas que são atribuídas às mulheres e aos homens, num processo de construção social e cultural. "O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder." (Scott, 1990)

A perspectiva de gênero é relacional, ou seja, engloba ao mesmo tempo outras categorias e interpretações em relação a um conjunto de fenômenos sociais e históricos em relação à identidade. O gênero perpassa as relações sociais e não é uma categoria estática e fixa, mas dinâmica e ativa. Não cabe, nesta forma de análise, a oposição fixa entre as categorias sexo, como a diferença biológica entre macho e fêmea, e gênero, como as construções sociais e culturais. O risco que se corre com essa rigidez é que na insistência no caráter de construção social do gênero, o sexo e a natureza não foram historiados e, com isso, ficaram intactas ideias perigosas relacionadas com identidades essenciais, tais como "mulheres" ou "homens".

O instrumental de gênero permite elucidar que determinados valores e símbolos são culturalmente construídos e assim estão presentes na distribuição de poder social. O gênero não é categoria absoluta na análise da situação social das mulheres. Ele precisa ser atravessado por outras categorias como idade, cultura, classe, etnia. Gênero é um instrumento de análise política das relações sociais entre homens e mulheres, é um modo de ser no mundo, que destaca a pluralidade do humano. Como instrumental, o gênero dá à hermenêutica feminista um leque maior de análise. A hermenêutica feminista perpassada pelo instrumental de gênero levanta alguns pressupostos metodológicos. Aqui não se trata de isolar as mulheres para analisá-las, mas buscar pelo contexto de relações sociais. É ir além da visibilização para perguntar pelas relações de poder, de classe, gênero, geracional presentes no texto.

Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e prática sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo. O conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicas, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade. Gênero introduziu mais uma mudança que continua sendo, ainda hoje, uma das polêmicas importantes no campo da construção das identidades. Nós nos fazemos o que somos, não nascemos prontos/os. Precisamos ir para além de olhar gêneros a partir dos papéis que homens e mulheres desempenham em diferentes instituições, papéis esses também construídos e, portanto, mutáveis. A tradição bíblica, por exemplo, é uma expressão rica e diversa de diferentes papéis e lugares que homens e

mulheres ocuparam na história. Muitas das vezes, homens e mulheres agiram, conscientemente, contra o senso comum e a norma de sua época. Muitas masculinidades e muitos jeitos de ser mulher encontramos na nossa história. Isso também implica na maneira como enxergamos e lemos as sexualidades diversas apresentadas na história bíblica.

Falando de sexualidades e homossexualidades

Aqui gostaria de introduzir a conversa, que espero continuar em outros lugares e de outras maneiras nesse caminhar que fazemos juntas e juntos na igreja e na sociedade. Quero continuar essa conversa num ambiente onde pessoas estão sendo ameaçadas, violentadas e mortas por sua expressão de sexualidade, por seu jeito de ser no mundo. Como pessoas religiosas o imperativo de cuidar da vida e construir o Reino são fundamentais e são o critério para o desenvolvimento da fé e da espiritualidade (o jeito de viver a fé no mundo). Em minha opinião, não posso julgar, ou desejar sequer, que alguém seja como eu ou como eu queira que ela seja e viva. Meu olhar, minha leitura bíblica e minha teologia não podem ser instrumentos de sofrimento e morte, mas produtores de vida e fraternidade.

Eu fortemente acredito que muitas de nossas incompreensões e muitas palavras e gestos violentos que produzimos como pessoas religiosas provêm de uma leitura desatenta da Bíblia e de um arcabouço cultural que acostumamos chamar de natureza, de natural e de normal. Precisamos desafiar isso e, mais com os ouvidos do coração, escutar o que Deus tem a nos dizer e o que realmente é importante nesse caminho do Reino e da fraternidade.

O Verbo se fez carne – diálogo e método. As palavras têm poder. Empoderam, enfraquecem. Criam e destroem realidades. Produzem saúde e doença. Matam e ressuscitam. Abrem portas e as trancam. Quando Deus fala, algo acontece. Quando eu falo, algo acontece. Palavra é criação, é arte (beleza e travessura). Deus se expressa como um artista, por isso é comunicação e diálogo. O que eu estou fazendo acontecer quando eu falo, quando eu leio a Bíblia e a interpreto, quando faço escolhas?



Presença da IEAB
na Feira da Diversidade
(Foto: Trindade - SP)

Para gente religiosa a Palavra/palavra tem muito poder. Tem o poder de libertar e de dominar. Para quem lê ou conhece as histórias bíblicas, é mais evidente. Já no primeiro capítulo do livro das origens (Gênesis) podemos escutar (visto que o capítulo 1 é uma canção, e não um discurso) que quando Deus pronuncia uma palavra, algo de extraordinário acontece. Isso é importante notar: "fala = acontecimento". Quando falamos, não estamos simplesmente decodificando algo de nosso cérebro para comunicar. Não falamos simplesmente com sons e com a boca. Quando falamos, também produzimos uma realidade, somos capazes de transformar (alquimizar) o mundo e a nós mesmos. Do mesmo jeito que Deus o fez.

Com essa memória, podemos percorrer vários textos bíblicos e acontecimentos da vida. Quanta palavra pronunciada foi responsável pela morte, destruição, opressão e exclusão? Quanta palavra pronunciada fez exatamente o contrário: aliviou, libertou, incluiu, reconheceu, empoderou? Que palavra nós carregamos e compartilhamos? Que projeto político (de bem comum) está incluído nas nossas escolhas de palavras e de contextos para pronunciá-las (criar/transformar realidades)?

Rubem Alves gosta de um conto que compartilho com vocês.

"Lembro-me de um cavalheiro, educado num mundo de proibições alimentares, que aprendera a detestar miolo sem nunca haver provado um. Foi jantar em uma casa em que foi servida couve-flor empanada. Após a refeição dirigiu um elogio à anfitriã:

- Divina, a couve-flor...

- Couve-flor? O senhor se enganou. É miolo empanado...

E, sem que tivesse havido uma única alteração nos componentes físico-químicos da situação, a linguagem que envolvia o corpo se encrespou, e a educação do hóspede se transformou em palidez de um corpo cujo estômago vem à boca, seguida da corrida inevitável ao banheiro, para vomitar.

Vomitou o que?

Miolo?

Absolutamente.

Vômito de palavras, rótulos, etiquetas."

(Alves, 2005).

Por isso, "o ser humano não vive somente do pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Mateus 4.4). A comunidade de Mateus quis deixar essa lembrança forte para todo mundo.

Nossas palavras devem ser palavras da religião – religar, juntar, agregar. Mas nossas palavras, às vezes, podem ser satânicas – acusar, impedir a comunicação e atrapalhar o diálogo. O Verbo (*logos*) se fez carne (acontecimento) e acampou (dialogou) entre nós. Parece que a encarnação não é parte de um processo metodológico de comunicação de Deus, como muitas vezes é tratado. A encarnação tem sua significância em si mesma e diz muito da nossa experiência de Deus. Porque é tão íntima é perturbadora. Tira-nos da nossa zona de conforto e nos provoca a mover-se: missão e caminho (método). As palavras enfrentam o silêncio e o silenciamento. A Palavra acontece e transforma, provoca reação.

Sobre o tema das sexualidades em geral, e aqui o plural é proposital e importante, vivemos nos últimos anos um momento de democratização da palavra e da realidade. As diferentes maneiras de expressar a sexualidade não são um "tema" em nossas vidas. Elas são de carne e osso, e afetam a vida da sociedade. É necessário falar. É um mandato de Deus que a palavra se espalhe e transforme.

Escutar, como disse no começo dessa conversa, é essencial em nossa espiritualidade judaico-cristã. Escutar para obedecer – seguir o mesmo caminho, reagir ao amor de Deus incondicional e perturbador (o amor perturba – desconforta e movimenta excêntricamente).

No que diz respeito à conversa que tem se estabelecido em muitas igrejas sobre matrimônio (termo que necessita de debate e desconstrução) entre pessoas do mesmo sexo, está plena fase de conflitos, tensões e criatividade. Duas grandes igrejas nos últimos anos aprovaram este procedimento: a Igreja Luterana e a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e a Igreja Luterana da Suécia. Depois de mais de 10 anos de diálogo difícil e tenso, porém criativo e espiritual, chegaram à decisão de aprovar o casamento de pessoas do mesmo sexo. Esta decisão quase gerou uma quebra da comunhão entre igrejas luteranas do norte do mundo e do sul do mundo, especialmente as igrejas africanas. Os motivos são conhecidos por nós. Leituras fundamentalistas e completo desconhecimento do assunto e do processo levaram a comportamentos violentos e nada cristãos.

Este assunto e essa realidade das homossexualidades, não somente do casamento de pessoas do mesmo sexo, ainda urge, em nossa parte do mundo, de escuta e de diálogo. Os documentos e as conversas (não sei se eu classificaria como diálogos) ainda não atingem as congregações locais das igrejas. A discussão teológica e ética ainda é privilégio de um pequeno grupo. Há forças ocultas que impedem que se estabeleça diálogo e processos de enfrentamento desse tema e dessa realidade.

Metodologicamente penso que não podemos incorrer no equívoco midiático que nos leva a apressar decisões e simplesmente atropelar o caminho (método). Em contextos religiosos, os temas e as realidades devem ter forte componente religioso. Não são suficientes para crenças afirmações somente éticas e estéticas. É necessário fazer teologia desse contexto e a partir desse contexto. E, para as pessoas crentes que vivem no sul do mundo, ainda é



mais importante percorrer leituras bíblicas que se expressem libertadoras e criadoras de vida.

Em alguns círculos das nossas sociedades essa questão das homossexualidades já se tornou "arroz com feijão" (para utilizar uma imagem brasileira). Mas na maioria dos círculos, especialmente religiosos, ainda são conversas atravessadas por violência, intolerância e fundamentalismos (e não só fundamentalismos religiosos e escriturísticos). Isso precisa ser enfrentado com carinho, cuidado e profundidade, no espírito do diálogo, não como método mas como objetivo em si.

Posso concordar que já existem muitos argumentos e já uma longa trajetória de debates. Mas não posso concordar que foram democráticos e democratizados. Ainda precisa-se aprender a dialogar. Precisa-se aprender a viver na incerteza e enfrentar a violência em todos os seus níveis. Também não posso concordar que a reflexão bíblica está tranquila e já acertada em termos da sexualidade humana. Na verdade, tampouco em vários outros assuntos. Aqui, falamos não simplesmente de tradução dos textos (absolutamente ideológicas e muitas vezes descontextualizadas – há vários exemplos disso em nossas traduções modernas, tremendos anacronismos violentos e absurdos). Estamos falando do lugar da Escritura Sagrada em termos de discurso teológico, de experiência e estrutura eclesiológica bem como de espiritualidade. Falamos de normatividade, de relação (o texto é em si ou o texto é "em relação"?). Mas insisto que é fundamental estudar mais a escritura. Infelizmente, muitos argumentos são simplistas e baseados nas versões portuguesas (ou nas línguas modernas) da Bíblia.

Precisamos considerar aqui os aspectos das traduções e do universo cultural e histórico em que os textos foram contados, escritos e repetidos. Formação bíblica adequada ainda é uma lacuna grande nas igrejas. Isso precisa ser corrigido se queremos continuar no caminho das mudanças e na defesa da vida e dos direitos.

E os argumentos de que "já temos o bastante" para tomar decisões nunca serão bons. Nunca vamos "ter o bastante". Claro que isso não pode ser uma desculpa para não tomar decisões, mas é importante levar em conta os níveis do que é "o bastante". Neste caso particular das conversas sobre

"Nosso compromisso de amor e cuidado é para incluir todas as pessoas. Não podemos deixar gente pra trás porque elas deixaram gente pra trás em algum momento."

homossexualidades, sexualidade humana e teologia, Bíblia e pastoral, um dos elementos fundamentais, estruturantes e definidores é o componente democrático das conversas. Onde está sendo discutido, com quem, de que jeito, com que metodologia e com quais recursos? O diálogo é expressão da encarnação e não simplesmente um jeito para se chegar a uma decisão.

Nosso compromisso de amor e cuidado é para incluir todas as pessoas. Não podemos deixar gente pra trás porque elas deixaram gente pra trás em algum momento. Nossas verdades precisam encontrar as outras verdades e, às vezes, quem tem mais pressa e mais urgência pode ser mais caridoso e cuidadoso.

A espiritualidade beneditina tem como um dos seus pilares a busca do Senhor e a hospitalidade. Os mosteiros eram considerados escolas do Senhor. As igrejas, consideradas edifício santo (hospital – onde se pratica a hospitalidade). O diálogo, a escuta, tão cara para Bento de Núrsia e para a espiritualidade cristã, devem ser parâmetro para continuar o processo, que em minha perspectiva ainda está sequestrado por um grupo privilegiado (do qual eu sou parte, inclusive). O encontro com gente diferente de mim, que nunca sequer pronunciou a palavra "homossexual", me desafia e acho que deveria desafiar a igreja no contexto de debates tão acalorados, como nestes últimos meses.

Não creio que seja uma questão de ser a favor ou contra. Esse é o equívoco da discussão do aborto ou da interrupção da gravidez indesejada. Essa provocação de ser contra ou a favor impede (ou mascara) o debate, a tomada de posição, o pronunciamento de palavras que podem transformar e o desafio de dialogar (produzir argumentos e enfrentar a normatização e os fundamentalismos políticos religiosos). A maioria das pessoas ainda não tem sequer vocabulário para essa conversa das homossexualidades, do matrimônio e do matrimônio de pessoas do mesmo sexo. Não há vocabulário suficiente ainda para a conversa sobre a família (outro debate árduo e normalmente esquivado nas igrejas) e a identidade cristã. Se não há sequer vocabulário

suficientemente democratizado, imagino que não haja uma gramática organizada para um diálogo que seja processo de intercâmbio e não simplesmente catarse verbal.

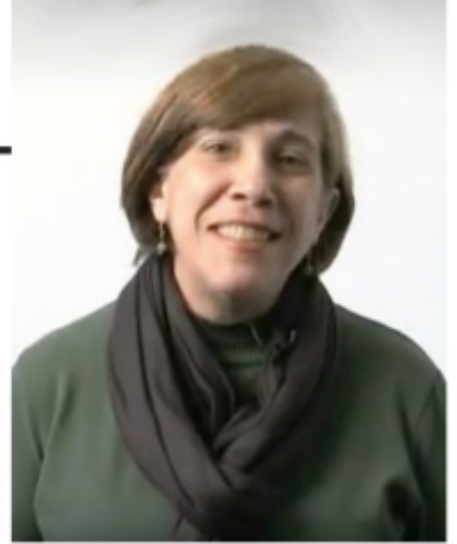
A igreja é o espaço de dizer a palavra e evitar que palavras "mal/ditas" ou não ditas apareçam e tenham seu lugar. É parte do processo terapêutico de cura e salvação.

Relações novas

A leitura da Bíblia, a prática da liturgia, a vivência da mística e nossa inserção na comunidade cristã colocam-nos num movimento que quase não tem mais volta. Mudamos radicalmente nosso paradigma para olhar o mundo e sua criação não mais com os olhos e o coração do pecado, mas pela graça de Deus que abunda, mesmo entre nossos limites.

"...se morremos com Cristo, temos fé que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentro os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele. Porque, morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas; vivendo ele vive para Deus. Assim também vós, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus." (Romanos 6.8-11) Este texto, da liturgia batismal, é lido na vigília Pascal. As pessoas que entram na comunidade de fé ouvem esta exortação e se comprometem a mudar de vida (*metanoia*). É um chamado, uma exigência, para vivermos uma vida nova de um jeito novo.

Este é o constante desafio para nossas igrejas hoje. E também para nossas vidas pessoais, marcadas pela ação do Espírito de Deus, que "faz novas todas as coisas".



MARA MANZONI LUZ

Diretora-Adjunta da Christian Aid para a América Latina e Caribe

vida

Relato de diversidade

Nascida em uma típica família de classe média paulistana, a questão da diversidade na infância foi algo muito difuso, sutilmente percebida a partir das eternas “disputas” familiares entre o lado português e o lado italiano. Já nos anos 80, cursando Ciências Sociais na PUC-SP, nos anos finais da ditadura militar, a questão indígena surgiu fortemente nas escadarias da universidade, nas aulas de Antropologia... Era uma questão complicada em um tempo em que pensar o diverso era “desviar-se da luta principal”. E aí foram anos de trabalho com os povos indígenas – principalmente nos sertões maranhenses, camponeses de origem alemã, italiana e polaca no sul do Brasil, com os quilombolas, de trabalhar e viver em outros países. Tanto a questão da identidade como das diversidades foram adquirindo outros contornos e nuances ao longo dos anos. Ser brasileira na América Latina de fala espanhola, ser latino americana na Europa, ser chefe de uma equipe e mulher, tornar-se anglicana...

Em um país como o Brasil, campeão da desigualdade estrutural e do racismo institucional – que nem os governos progressistas foram capazes de reverter, apenas paliar – e em um continente como a América Latina, com desigualdades que se intersectam a cada esquina (gênero, etnicidade, raça, orientação sexual, idade, e lá vai) quando pensamos em diversidade, imediatamente também nos vem na pele, mente e coração, os temas de inclusão/exclusão, direitos, respeito... Em uma sociedade onde o masculino-branco-heterossexual-cristão é a norma; onde o sistema histórico patriarcal é o dominante; onde muitas religiões pregam a intolerância e até a violência contra a/o diferente; onde há um constante arbítrio e patrulhamento sobre o desejo e a vontade, podemos encontrar espaços reais de acolhida e convivência ao diferente?

Para minha experiência pessoal, este lugar tem um endereço: Praça Olavo Bilac 63, em Santa Cecília, São Paulo. Na Paróquia Anglicana da Santíssima

Trindade, vivenciamos, na prática “as delícias e dores” (parafraseando Caetano Veloso) de ser uma comunidade de acolhida aos diferentes... aos imigrantes, aos que viemos de distintas denominações, àquelas e àqueles que têm uma orientação sexual e identidade de gênero que não é aquela normalmente entendida como “normativa”. Somos corpos dissidentes, corpos diferentes, corpos não normativos, corpos lindos! Um espaço-santuário, que abre suas portas para abraçar e cuidar de todos e todas, não importando quem seja, de onde venha, do que gosta, quem ama... acolhendo suas necessidades e expectativas com verdadeiro espírito de uma *safe church* (igreja segura) que assume agendas e demandas muitas vezes negligenciadas por outras instituições. Lá experimentamos, como comunidade, o que é, de maneira concreta (e não retórica-teórica), sentir-nos incluídos e incluídas com todas as nossas diversidades. A aceitar e, acima de tudo, respeitar a pessoa diferente de maneira coerente, radical... a entender que não basta apenas ir em uma manifestação pelos direitos sociais fora do templo, mas sentar, orar e cantar com a/o diferente... sem noções equivocadas de seletividade ou poder. Também o que significa, de fato, inclusão, pois ela não pode ser sinônimo de, ao incluir A, excluir B; o que estrutura uma sociedade e como as lutas indígenas, feministas, negras e da população LGBTI são partes constituintes de uma nova organização da sociedade. Por fim, e não menos importante, a liderança coerente e acolhedora do reverendo!

Essa experiência foi sistematizada e publicada pelo recente (e excelente) trabalho do SADD sobre Gênero, Direitos e Sexualidade. Ele está sendo disseminado, entre outros, pela Igreja Unida do Canadá, por programas da Christian Aid na América Latina e na África, inspirando outros espaços de fé a pensar e atuar de maneira diferenciada sobre a diversidade sexual, não como uma ameaça, mas como uma intensa riqueza, na crença profunda de que o Reino de Deus é construído, cotidianamente, na vivência com a outra, o outro.

memória

Há (quase) 121 anos...

+ Pedra fundamental do templo atual da
Catedral da Santíssima Trindade
(Foto: Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre)



Noticiava o Estandarte Cristão de setembro de 1896 uma novidade auspiciosa: as congregações do Bom Pastor e da Trindade começavam a construção de capela situada à Rua dos Andradas, em Porto Alegre. Tal construção seria mais um passo na caminhada rumo à Catedral da Santíssima Trindade (Catedral Nacional da IEAB).

A nota termina com pedido pungente: "os irmãos devem orar por nós". A Catedral da Santíssima Trindade, herdeira dessa memorável tradição, continua a contar com as orações de todo o povo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, a fim de que permaneça fiel na missão de ser "casa de oração para todos os povos" (Isaías 56.7).

+ Excerto do Estandarte Cristão de
setembro de 1896

As duas congregações da capella do Bom Pastor e da Trindade reúnem juntamente na ultima capella.

Esperamos ter no fim de dois mezes mais ou menos, uma outra capella para o serviço na cidade. Esta capella está em obra, e acha-se na rua dos Andradas, perto do arsenal da guerra.

Quando ficar prompta esta obra, as duas congregações serão concentradas naquelle local.

Todos são animados pelo presente estado e a futura promessa do trabalho evangelico.

Os irmãos devem orar por nós

O Estandarte
que você lê
assim



ou
assim



pode voltar
a ser lido
assim



Durante o ano de 2017, o Estandarte Cristão será publicado de forma visual, com a opção de impressão sob demanda, o que, infelizmente, é um processo caro.

Para que a IEAB possa voltar a ter uma tiragem regular, impressa, de sua publicação oficial, é preciso que cheguemos à quantia de mil assinaturas compromissadas.

Durante o ano de 2017, começaremos a coletar compromissos de assinantes ao redor do país. Até lá, mobilize familiares, amigos(as) e membros de sua comunidade, para poderemos retomar plenamente este trabalho de evangelização através da comunicação.